

A prudência e o abandono da crítica em *Capitalismo & Esquizofrenia*

RESUMO

Este artigo, partindo da hipótese de que haveria uma mudança de tom argumentativo no interior da coleção *Capitalismo & Esquizofrenia*, pretende avaliar a importância do conceito de prudência para compreensão desse movimento do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Apresentado em certa altura de *Mil Platôs* como uma “regra imanente à experimentação” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 11), a prudência marcaria a modificação no modo da interpelação deleuze-guattariana, vislumbrado e experimentado pela primeira vez em 1975 na obra *Kafka* e abalizado pelo abandono do conceito de crítica.

Palavras-chave: Gilles Deleuze; Félix Guattari; *Capitalismo & Esquizofrenia*; Crítica; Prudência.

ABSTRACT

This article, based on the assumption that there would be a change of argumentative tone inside *Capitalism & Schizophrenia*, proposed to evaluate the importance of the concept of prudence in the thought of the late Gilles Deleuze and Felix Guattari. Presented at some point of *A Thousand Plateaus* as a “immanent rule to trial” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p 11), prudence would mark a change in the way the deleuze-Guattarian interpellation, experienced for the first time in 1975 in the work *Kafka* and marked by the abandonment of the concept of criticism.

Keywords: Gilles Deleuze; Félix Guattari; *Capitalism & Schizophrenia*; Criticism; Prudence.

* Doutorando pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP).
E-mail: christian.vinci@usp.br

Introdução

O filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista Félix Guattari, autores da série *Capitalismo & Esquizofrenia*, ficaram conhecidos por suas formulações singulares e pela aversão a alguns formalismos filosóficos. Criadores de um dispositivo conceitual particular, Deleuze e Guattari foram tomados como autores rebeldes e inovadores, mormente no plano escritural¹, e cuja obra rendeu e rende muitas polêmicas. Não obstante essa faceta polemista da dupla de autores, reconhecida e comentada por muitos intérpretes (ORLANDI, 2009; DOSSE, 2010; GUALANDI, 2000), haveria outro nuançado pouco percebido em suas obras e deveras importante para aqueles desejosos em compreender como opera o pensamento de Deleuze-Guattari, qual seja: a prudência.

Não nos surpreende a pouca atenção dada a essa noção. Ora, *O Anti-Édipo*, primeiro livro da série supracitada e publicado originalmente em 1972, parecia pouco se importar com prudências ou com cautelas no lançamento de suas controversas colocações. É de conhecimento público a controvérsia erigida na França em torno dessa obra, nomeadamente em relação à abertura do texto, pintada com um palavreado informal e em uma declarada afronta ao legado psicanalítico do *id*²: “Isso funciona em toda parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode. Mas que erro ter dito o isso” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11. Grifo dos autores). Lacan, a grande autoridade psicanalítica naquele momento, enfureceu-se com o livro de Deleuze-Guattari, a ponto de proibir qualquer discussão em seu seminário sobre as teses ali expostas e chegando, posteriormente, a argumentar ser um texto fruto de um delírio paranoico (DOSSE, 2010).

Diante desse cenário, poderia parecer descabido avaliar um conceito como o de prudência em Deleuze e Guattari, tal qual propomos neste trabalho. Entretanto, mesmo no primeiro livro da série *Capitalismo & Esquizofrenia*, deparamos com precedentes que justificariam uma tal empreita. O termo prudência, fazemos notar, apareceu uma única vez ao longo do texto de 1972, corroborando a pouca importância desse termo para a estrutura conceitual d’*O Anti-Édipo*. Essa solitária aparição – relegada ao último capítulo da obra, *Introdução à Esquizoanálise* –, no entanto, foi fulcral para a demarcação da tarefa primordial da esquizoanálise proposta pelos autores:

Em sua tarefa destrutiva, a esquizoanálise deve proceder com a maior rapidez possível, *mas também só pode proceder com uma grande paciência, uma grande prudência, desfazendo sucessivamente as territorialidades e as reterritorializações representativas pelas quais um sujeito passa na sua história individual.* (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 421. Grifos nossos).

¹ Percepção corroborada por Anita Costa Malufe (2012), para a autora Deleuze e Guattari primam por conceber uma escrita singular, marcada por uma verve literária e pouca afeita aos silogismos lógicos.

² Deleuze e Guattari constroem um jogo polissêmico no início d’*O Anti-Édipo* com a palavra *ça*, impossível de ser replicado em português. Em francês, *ça* designa tanto a expressão corrente *isso*, quanto o conceito freudiano de *id*. Sobre a polêmica gerada por essa construção, ver François Dosse (2010).

Prudência, pelo excerto supracitado, estaria não tanto ao lado de uma velocidade destrutiva, mas diria respeito ao aspecto construtivo, ou positivo, da esquizoanálise, marcado por uma lentidão processual. Posteriormente, em *Mil Platôs*, tal expressão receberia um maior destaque, reaparecendo algumas dezenas de vezes ao longo da obra e todas essas aparições ocorrendo em momentos importantes da obra. O que aconteceu entretanto para justificar a saturação de um tal conceito? Uma resposta passível de sanar essa questão pode ser encontrada no livro *Kafka: por uma literatura menor* – doravante *Kafka* –, publicado em 1975. Qual a particularidade desta obra?

Embora não chegue a integrar oficialmente a coleção *Capitalismo & Esquizofrenia*, *Kafka* adensou algumas discussões presentes nesta, bem como dissolveu outras. Tratou-se, como nota Dosse (2010), de uma obra paralela, cujo valor para o aprimoramento do dispositivo conceitual deleuze-guattariano não pode ser relegado a um segundo plano:

No caminho não traçado que conduz Deleuze e Guattari de *O Anti-Édipo* a *Mil Platôs* entre 1972 e 1980, há uma etapa importante, um ponto forte que é a publicação de seu *Kafka*, em 1975. O acontecimento dessa publicação não está ligado tanto à leitura muito original e renovadora de uma obra literária pela qual ambos têm grande admiração. É sobretudo a ocasião de experimentar conceitos-chaves que em seguida poderão desdobrar e desenvolver em *Mil Platôs*. Por esse novo livro, Deleuze e Guattari passam também da postura crítica, denunciativa, que é a de *O Anti-Édipo* em face da psicanálise, para uma posição afirmativa, a de seu próprio procedimento, singular, testando-a no confronto com uma grande obra literária. (DOSSE, 2010, p. 202).

O que teria demandado, por parte dos autores, essa necessidade de experimentar alguns conceitos-chave desenvolvidos alhures? A resposta para essa outra questão viria a público anos depois, quando da introdução escrita por Deleuze e Guattari à edição italiana de *Mil Platôs*. Nesta, os autores argumentam:

O Anti-Édipo obtivera muito sucesso, mas esse sucesso se duplicava em um fracasso mais profundo. Pretendia denunciar as falhas de Édipo, do "papai-mamãe", na psicanálise, na psiquiatria e até mesmo na antipsiquiatria, na crítica literária e na imagem geral que se faz do pensamento. Sonhávamos em acabar com Édipo. Mas era uma tarefa grande demais para nós. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 7).

Estranho fracasso d'*O Anti-Édipo*, duplicação do sucesso obtido por essa mesma obra³. Como compreender esse sentimento de *fracasso mais profundo* sentido pelos autores e, o mais importante, poder-se-ia estabelecer alguma relação deste com o adensamento da discussão acerca da prudência em *Mil Platôs*?

³ Inclusive, um sucesso editorial sem precedentes (DOSSE, 2010). A primeira impressão d'*O Anti-Édipo* esgotou-se em pouco menos de dois dias na França, similar ao ocorrido nos EUA cinco anos depois, quando da publicação da tradução norte-americana. No Brasil, a primeira versão para o português data de 1976, publicado pela *Imago*, e um ano depois de um acirrado debate realizado na PUC-RJ envolvendo as teses de Deleuze-Guattari – contando com a presença de ninguém menos que Michel Foucault.

Dado esse preâmbulo, apresentamos ao leitor nossa hipótese de trabalho: haveria uma mudança de tom em *Mil Platôs*, um abrandamento daquela incitação radical esboçada em *O Anti-Édipo*, e tal alteração estaria marcada pelo conceito objeto de nosso interesse - apresentado em certa altura de *Mil Platôs* como uma "regra imanente à experimentação" (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 11). Essa transição de tons, por sua vez, implicaria em uma modificação no modo da interpeleção deleuze-guattariana, vislumbrado e experimentado pela primeira vez em 1975 na obra *Kafka* e abalizado pelo abandono do conceito de crítica. Apresentar esse movimento próprio ao pensamento de Deleuze e Guattari será o objetivo principal desse trabalho.

Justifica-se tal dispêndio tendo em vista o crescente destaque conferido ao dispositivo conceitual de Deleuze e Guattari no campo das ciências humanas, mormente no Brasil – apontado como um dos, senão o único país no qual a esquizoanálise "vingou" (DOSSE, 2010). A importância atribuída a esses autores, como nota Luiz B. Orlandi (2009), decorreria de uma percepção, por parte dos leitores da dupla francesa, de que a filosofia deleuze-guattariana "traça percursos que justificam a variação de seus estímulos em estudos filosóficos e no campo das ciências humanas, da educação e das artes, bem como nos combates pela dignificação do viver" (ORLANDI, 2009, p. 266). Esses estímulos devem muito ao impacto provocado pela série *Capitalismo & Esquizofrenia* no cenário filosófico mundial, com sua incitação a uma escrita intermediada por *slogans* (DELEUZE; GUATTARI, 2000).

Ascensão e queda d' *O Anti-Édipo*: o fracasso mais profundo

Michel Foucault, diferentemente de seu amigo Gilles Deleuze, jamais absteve-se de indicar como suas obras e conceitos deveriam ser lidos ou apropriados⁴, tampouco deixou de fornecer diretrizes para a leitura obras de seus amigos ou autores prediletos. Foi este o caso da obra *O Anti-Édipo*, prefaciada por Foucault quando de sua tradução para o inglês no ano de 1977. O texto foucaultiano, intitulado posteriormente como *Uma introdução à vida não-fascista*, argumenta ser um erro ler tal obra apenas como uma nova referência teórica, devemos antes lê-la como uma arte voltada à fabricação de si, uma *ars* (FOUCAULT, 2014). O autor de *As Palavras e as Coisas* prossegue com sua exegese:

⁴ Para ficarmos apenas com uma, dentre as muitas sentenças proferidas por Foucault acerca de sua própria obra, remetemos o leitor à uma entrevista da década de 1970: "Gostaria de escrever livros-bombas, quer dizer, livros que sejam úteis precisamente no momento em que alguém os escreve ou os lê. Em seguida, eles desapareceriam. Esses livros seriam de tal forma que desapareceriam pouco depois de lidos ou utilizados. Os livros deveriam ser espécies de bombas e nada mais. Depois da explosão, se poderia lembrar às pessoas que esses livros produziram um belíssimo fogo de artifício. Mais tarde, os historiadores e outros especialistas poderiam dizer que tal ou tal livro foi tão útil quanto uma bomba, e tão belo quanto um fogo de artifício" (FOUCAULT, 2006, p. 266). Há, em Foucault, uma incitação às apropriações instrumentais e contingenciais de seu aparato teórico, em contrapartida à tendência em tomá-los dentro de um conjunto, como integrantes de um sistema hermético de pensamento. Sobre uma discussão mais detalhada desse tópico, remetemos o leitor à uma discussão empreendida alhures (VINCI, 2015). Deleuze, em uma rara ocasião, forneceu uma espécie de guia de leitura: "uma boa maneira de ler hoje em dia, seria tratar um livro como se ouve um disco, como se vê um filme ou uma emissão televisiva, como se recebe uma canção: qualquer tratamento do livro que exija um respeito especial, uma atenção de outro tipo, vem do passado e condena definitivamente o livro" (DELEUZE; PARNET, 2004, p.14).

Eu diria que *O Anti-Édipo* (que seus autores me perdoem) é um livro ético, o primeiro livro de ética que foi escrito na França desde há muito tempo (é talvez a razão pela qual seu sucesso não se limitou a um "leitorado" particular: ser anti-Édipo tornou-se um estilo de vida, um modo de pensamento e de vida). (FOUCAULT, 2014, p. 105).

O prefaciador, lembramos ao leitor, vivenciou em primeira mão o debate provocado em França quando do lançamento dessa polêmica obra, muito bem retratado nas páginas da bibliografia escrita por Dosse (2010), e, parece-nos, anteviu o impacto causado pela publicação d'*O Anti-Édipo* nos Estados Unidos. Conforme relatam alguns autores (LOTRINGER; COHEN, 2001; CUSSET, 2008), talvez influenciados pelo polêmico prefácio de Foucault, os leitores de Deleuze e Guattari em solo norte-americano acabaram por tomar a obra como uma espécie de manual de conduta revolucionária. Muitas lutas estudantis tiveram como palavras de ordem *slogans anti-edípicos* e, ainda, algumas universidades chegaram a proibir toda e qualquer disciplina em que *O Anti-Édipo* figurasse nas referências bibliográficas de sua ementa (LOTRINGER; COHEN, 2001).

Não procuraremos com esse trabalho engrossar as páginas de análise da recepção da obra de Deleuze e Guattari na França ou nos Estados Unidos, há uma bibliografia considerável sobre esse assunto, entretanto, seria interessante analisar, ainda que brevemente, como ocorreu a assimilação do dispositivo conceitual desses pensadores no Brasil. O percurso do pensamento deleuze-guattariano em nosso país, para além de referendar algumas linhas de força da discussão que tomou corpo alhures, auxiliar-nos-á, ainda que por sua veia anedótica, a delinear alguns contornos daquele *fracasso mais profundo* d'*O Anti-Édipo* sentido pela dupla de autores em *Mil Platôs*⁵.

Gilles Deleuze, diferentemente de seu parceiro Guattari, jamais esteve no Brasil. Às viagens, sempre preferiu se comunicar conosco à distância – uma citação incidental de Jorge Amado em *Mil Platôs*, algum relato antropológico concernente às populações indígenas brasileiras em *O Anti-Édipo*, um comentário pontual sobre nossa situação política em uma entrevista etc. Félix Guattari, por sua vez, visitou-nos nada menos do que sete vezes entre 1979 e 1992, ano de sua morte. O psicanalista francês participou de momentos ditos históricos, como aqueles atrelados as lutas pela redemocratização, e influenciou alguns movimentos emergentes que tomavam corpo em nosso país, desde a fundação do *Partido dos Trabalhadores* (PT) até alguns grupelhos em prol das rádios piratas. Antes mesmo da tradução brasileira da primeira obra fruta da parceria Deleuze-Guattari, pela editora *Imago*, em 1976, as teses defendidas por esses autores já eram conhecidas de nossos quadros intelectuais e discutidas ardentemente, como o comprova o debate realizado na PUC-RJ em 1975 por conta da visita de Michel Foucault⁶. A tradução d'*O Anti-Édipo* viria, assim, apenas coroar o ávido interesse

⁵ Os dados e fatos doravante apresentados são parte de nossa pesquisa de mestrado (VINCI, 2014) e foram publicados parcialmente no artigo *Implicações midiáticas e acadêmicas nos modos de apropriação do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari para o debate em educação no Brasil* (VINCI; RIBEIRO, 2015).

⁶ A pergunta que abre a mesa de discussão realizada na PUC-RJ, formulada por Roberto Oswald Cruz, é sintomática: "Depois da obra de Deleuze, *L'Anti-OEdipe*, como o senhor situa a prática psicanalítica? Ela estaria condenada ao desaparecimento?" (FOUCAULT, 2005, p. 127).

dos leitores brasileiros por esse livro, tornando-o mais acessível e fomentando um debate já iniciado entre nós.

Um ano depois da primeira tradução para o português de Deleuze e Guattari, a mesma editora, *Imago*, traduziria a obra subsequente da dupla, *Kafka*, mas sem conseguir atingir o sucesso de vendas daquela primeira – esgotada em pouco menos de um ano. O derradeiro livro da série *Capitalismo & Esquizofrenia*, *Mil Platôs*, por sua vez, só receberia tradução para o português na década de 1990, ao integrar a coleção *Trans*, organizada por um ex-aluno de Deleuze residente em nosso país na época, Eric Alliez. O Brasil, como nota Dosse (2010), foi um dos primeiros países, se não o primeiro, na tradução desses textos. De onde partiu o interesse por Deleuze-Guattari e, mais, por quais canais circularam as teses do primeiro livro da dupla?

Como fica claro pelo debate travado na PUC-RJ com Foucault, alguns dos principais responsáveis por divulgar as teses de *O Anti-Édipo* foram os acadêmicos ligados ao movimento antipsiquiátrico. Não sem razão, esse livro foi traduzido por uma editora especializada em obras de psicologia e psicanálise. Entretanto, e o mais notável, embora houvesse um forte debate armado nas Universidades, os preceitos e slogans d'*O Anti-Édipo* circularam com força em meios pouco ou nada acadêmicos. Grupos artísticos, jornalistas, adeptos das rádios livres, sindicalistas e tantos outros travaram um contato intenso com o escrito da dupla e replicaram, sob formas variadas, os preceitos ali esboçados. À guisa de ilustração, o termo *Anti-Édipo* figurou, no intervalo que cobre os anos de 1976-1980, em cinco reportagens diferentes do jornal *Folha de S. Paulo*⁷. Poder-se-ia afirmar que as formulações do livro *O Anti-Édipo*, a princípio, antes de serem estudadas conceitualmente, foram apropriadas e circularam em nosso país como *slogans* destituído de conteúdo⁸.

O ápice dessas apropriações extra-acadêmicas, a nosso ver, ocorreu em finais da década de 1980, quando um grupo de intelectuais cariocas passou a flunar pelas praias do Rio de Janeiro travestidos de Gilles Deleuze, conforme relato de Carlos Escobar (1991). Diante desse cenário, Escobar resolveu decretar um basta a esse *vale-tudo*, publicando um dos primeiros dossiês acadêmicos dedicados exclusivamente ao pensamento de Deleuze e Guattari. Tratava-se de um estudo autoproclamado sério, voltado contra as apropriações nada rigorosas do dispositivo conceitual dos autores de *Mil Platôs* e contra, sobretudo, esses ditos *simulacros deleuzeanos* (ESCOBAR, 1991). Estaria, com esse basta dado por Escobar, encerrada a época dessas apropriações singulares e iniciado o tempo das discussões de teor acadêmico? Não necessariamente, pois, em primeiro lugar, haviam sim dis-

⁷ Ao longo de nossa pesquisa de mestrado, na busca por traçar um panorama da difusão do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari em nosso país, fizemos uma triagem das referências a esses pensadores no acervo de vários periódicos, dentre eles o da *Folha de S. Paulo*. Este foi um veículo importante – senão o mais – para a circulação dos textos e das ideias desses autores, alguns escritos, como aquele de autoria de Deleuze intitulado *O Ato de Criação*, não só foram traduzidos primeiramente por esse jornal, como restaram por muitos anos sem qualquer outra tradução entre nós. Sobre as implicações midiáticas na circulação da obra dos autores de *Mil Platôs* ver (VINCI; RIBEIRO, 2015).

⁸ Seguindo, ademais, um movimento similar àquele ocorrido nos Estados Unidos, quando do contato com os autores que vieram a integrar o bloco denominado de pós-estruturalistas conforme nota Perrone-Móisés (2004).

cussões acadêmicas sobre Deleuze e Guattari em nosso país, embora restritas e de pouca repercussão, e, ademais, esse basta jamais cessou as assimilações inusitadas do pensamento dos autores.

Escobar não negava a existência em nosso país de discussões com teor acadêmico, apenas alegava serem estas muito tímidas quando comparadas com o apelo pop da filosofia deleuze-guattariana⁹. O ímpeto editorial estampado nas páginas do dossiê organizado por Escobar prosseguia outras tímidas tentativas de leitura “sérias”, ou simplesmente monográficas, realizadas ao longo da década de 1980 em nosso país: um artigo de Bento Prado Jr. dedicado ao Bergson de Deleuze, uma obra de Roberto Machado para discutir a filosofia de Deleuze etc. Ao Dossiê organizado por Escobar, seguiram-se outras tantas publicações acadêmicas, sem contudo erradicar o lastro “radical” do pensamento deleuze-guattariano e tampouco frear as apropriações extra-universitárias.

A guinada para os anos 1990 marcaria, assim, o ingresso do pensamento de Deleuze e Guattari no panteão acadêmico tupiniquim (ALLIEZ, 1996), mas não sem cobrar o seu preço. A mundanidade do caminho trilhado pelo pensamento da dupla francesa em nosso país rendeu-lhes um lugar marginal nas universidades brasileiras e, não obstante contarmos hoje com programas de pós-graduação e mesmo um GT na ANPOF dedicados à discussão do pensamento de Deleuze – Guattari é hoje, infelizmente, um nome acessório –, esses autores ainda são alvo de preconceito¹⁰.

Mas, o que essas diferentes apropriações têm a dizer sobre o *fracasso mais profundo* d’O *Anti-Édipo*? A resposta é um tanto óbvia, qual seja: *Anti-Édipo* tornou-se não um livro de ética, como o queria Foucault, mas uma verdadeira moral. É conhecida a distinção feita por Deleuze (2002) entre Ética e Moral a partir de Spinoza, enquanto a primeira diria respeito à uma invenção singular por parte do vivente diante de um estado de coisas, a segunda estaria atrelada à prescrição de regras exteriores ao indivíduo e condicionantes de seu modo de agir e pensar. Se, como querem os autores de *Capitalismo & Esquizofrenia*, a função da filosofia é caotizar a imagem dogmática de pensamento, permitindo-nos experimentar outras maneiras de sentir e agir para além daquela imposta pela *doxa*, não há nada mais distante desse preceito do que aquilo narrado nas páginas anteriores. Como vimos, as apropriações d’O *Anti-Édipo*, vislumbradas tanto em nosso país quanto em outros, marcariam o vislumbre desse lastro moral presente na obra. Qual a razão de ser dessas apropriações moralistas, identificadas por nós como o grande sintoma daquela sensação de fracasso sentida por Deleuze-Guattari? Dosse argumenta que esse fracasso decorreu do não rompimento, por parte dos autores, com

⁹ Alberto Gualandi (2000) argumenta que esse apelo pop é algo recorrente, do Japão ao Brasil, Deleuze e Guattari, defende o autor italiano, prestam-se a fomentar criações artísticas e discussões políticas, ou micropolíticas, mais do que leituras acadêmicas de suas obras.

¹⁰ Um exemplo sobre as discussões em torno do quão filosófico – ou sério – é o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari no Brasil. Deparamos no ano de 2014 com uma denúncia informal por parte de alguns integrantes do GT Deleuze da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia), acusando a associação de perseguição ao grupo. Os autores, em carta aberta, apontam que o GT tem sido desprezado e seu espaço no interior dos encontros promovidos pela entidade encontra-se cada vez mais reduzido. De acordo com Luiz Manoel Lopes, professor da UFC que está à frente das denúncias, esse cenário ocorre, pois, Deleuze ainda é visto por certa ala dos departamentos de filosofia brasileiros como um pensador pós-moderno, pouco sério e distante do rigor argumentativo que deveria caracterizar o filosofar.

a tradição crítica em *O Anti-Édipo*, tarefa realizada somente em *Kafka*. Estaria correto o prognóstico do historiador francês?

Para o autor de *Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada*, ao atacarem frontalmente a edipianização da sociedade, os autores não se abstiveram de um tom negativo, denunciante, e, por conta disso, recaíram na mesma lógica representacional que denunciavam. Aonde estaria a representação? No *choramingo edipiano*, responde Dosse. Deleuze-Guattari não teriam conseguido vencer o discurso psicanalítico de Édipo, ao contrário, apenas revitalizaram o mito, concedendo-lhe um lastro histórico-social, e elaboraram conceitualmente o seu avesso, qual seja: a sociedade esquizofrênica.

De acordo ainda com Dosse, os autores não teriam conseguido ultrapassar o sujeito cindido da psicanálise, base para a reprodução da estrutura coercitiva do divã. Haveria um sujeito de enunciação anti-edípico, a própria experimentação linguageira dos autores, e um sujeito do enunciado anti-edípico, uma condição alhures a ser atingida – a sociedade sem Édipo. O enunciado ou as formulações elaboradas naquele livro, desse modo, não deixaram de representar ou apontar para um campo social no qual outras relações de agenciamento, não coordenadas por apriorismos, seriam possíveis. Não se produz, portanto, um novo enunciado; a obra presta-se a ser mais uma máquina de interpretação dentre outras. Por esse motivo, o historiador defende que tal obra restou como um manual de conduta, *Moral*, mais do que uma arte para a fabricação de si, *Ética*.

Em linhas gerais, o conceitual elaborado em *O Anti-Édipo* apresenta-se como mero contraponto, ou simplesmente como substituto, ao dispositivo conceitual psicanalítico, acabando, assim, por replicar a própria máquina binária censurada pelos autores. Para além de dar continuidade à tradição metafísica que tanto denuncia – pois, dizer que o ideal regulador do mundo não é a Ideia, mas o Devir não quebra a transcendência, ao contrário –, substituir um dispositivo conceitual por outro não permite liberar as forças virtuais residentes no nível molecular, objetivo maior de Deleuze e Guattari.

Apenas em *Kafka* os autores enfrentarão essa questão, ao evitarem recorrer a um ataque frontal tipicamente crítico, e buscando a saturação dos binarismos por meio da construção daquilo denominado por Deleuze e Guattari de *Plano de Imanência* capaz de produzir uma saturação do real, pois:

fazendo transformar os triângulos ao ilimitado, fazendo proliferar os duplos ao indefinido, Kafka abre para si um campo de imanência que vai funcionar como uma desmontagem, uma análise, um prognóstico das forças e das correntes sociais, das potências que, à sua época, ainda não fazem mais que bater à porta. (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 102).

Por meio de uma leitura atenta da obra de Kafka, Deleuze e Guattari concebem uma metodologia analítica muito distinta daquela legada pela tradição crítica. Não se tratará, doravante, de um fazer frente a um estado de coisas por meio do vislumbre de um alhures, mas operar uma dupla-articulação: a desmontagem do campo molar em consonância com a liberação das forças virtuais moleculares. Essa, por sinal, será a mesma fórmula utilizada em *Mil Platôs* e *O que é a Filosofia?*, os derradeiros livros de Deleuze-Guattari. Por qual razão esse procedi-

mento resgatado de Kafka não configura uma crítica? Sobre isso, os autores argumentam a partir da própria obra do escritor tcheco:

Nota-se, com justeza, que não há jamais crítica em Kafka [...]. Pode-se concluir disso que, não sendo “crítico de seu tempo”, Kafka dirige “sua crítica contra si mesmo” e não tem outro tribunal além de um “tribunal íntimo”? É grotesco, porque se faz da crítica uma dimensão da representação: se esta não é externa, ela só pode ser interna, a partir daí. Trata-se, no entanto, totalmente de outra coisa: Kafka se propõe a extrair das representações sociais os agenciamentos de enunciação, e os agenciamentos maquínicos, e de desmontar esses agenciamentos. (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 87).

Para o Deleuze-Guattari de *Kafka*, a crítica porta uma ideia ou um valor regulador, e, portanto, é incapaz de escapar de um caráter representativo. Sendo concebida, portanto, contra o tempo presente e a favor de um tempo vindouro, normalmente esboçado como um avesso. Kafka transpassaria tudo isso. *A Metamorfose*, *O Processo* e *O Castelo*, para ficarmos com os escritos mais significativos do escritor tcheco, não trazem uma solução ou mesmo a denúncia de um estado de coisas, sequer operam com metáforas denunciastas. Gregor Samsa vive como uma barata, Joseph K morre como um cão etc., essa expressão, como, não demarcaria uma similitude, um tal qual, mas uma indiscernibilidade. Joseph K. não morre tal qual um cão, mas adentra em um *devenir-cão* no momento de sua morte¹¹. Essa é a radicalidade kafkaniana, compreendida por Deleuze e Guattari como um método de desmontagem ativa:

Esse método de desmontagem ativa não passa pela crítica, que pertence ainda à representação. Ele consiste antes em prolongar, em acelerar todo um movimento que já atravessa o campo social: ele opera em um virtual, já real sem ser atual (as potências diabólicas do porvir que só fazem bater à porta no momento). O agenciamento se descobre não em uma crítica social ainda codificada e territorial, mas em uma codificação, em uma desterritorialização, e na aceleração romanesca dessa descodificação e dessa descodificação. [...]. É um procedimento muito mais intenso que toda a crítica. (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 89-90).

Um crítico enxergaria na metamorfose de Gregor uma metáfora para o homem do pós-guerra, como muitos o fizeram, mas Kafka não concebe seu personagem assim. O escritor tcheco produz uma cena na qual seu personagem é arrastado ao campo do virtual, adentrando em um *devenir-barata*. Gregor não é uma barata, não há qualquer definição do inseto ao qual se assemelha ao longo da novela kafkiana, mas tampouco permanece sendo Gregor. Contudo, e o mais importante para Deleuze-Guattari, sua metamorfose basta para implodir as relações sociais territorializadas em sua família, em seu emprego etc. O que resta, uma intensidade Gregor. Para desmontar um estado de coisas, ou certas territori-

¹¹ Discussão retomada em *Mil Platôs*: “Interpretar a palavra “como” à maneira de uma metáfora, ou propor uma analogia estrutural de relações (homem-ferro = homem-cachorro), é não compreender nada do devir. A palavra “como” faz parte dessas palavras que mudam singularmente de sentido e de função a partir do momento em que as remetemos a hecceidades, a partir do momento em que fazemos delas expressões de devir, e não estados significados nem relações significantes” (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 66).

zalizações, não é necessária uma crítica, basta a força de um devir. Eis a lição aprendida em *Kafka*.

Um adendo, essa intensidade não reside na obra *A Metamorfose*, não se trata de uma essência literária kafkaniana, mas emerge quando do agenciamento produzido por Deleuze e Guattari em sua leitura do escritor tcheco. A força da obra de Kafka emerge quando de seu deslocamento para o campo da discussão iniciada em *Capitalismo & Esquizofrenia*, e não esgota as potencialidades daquela literatura. Outras conexões seriam passíveis de serem realizadas – mais ou menos potentes, talvez –, mas isso não importa. A desmontagem ativa kafkiana é apropriada por Deleuze-Guattari e agenciada com outras coisas, discussões de outras ordens – filosóficas, psicanalítica etc. –, e, disso, um campo de imanência é produzido.

Por fim, em certa altura do livro *Kafka*, Deleuze e Guattari questionam-se “qual é a aptidão de um agenciamento para transbordar seus próprios segmentos, ou seja, para se abismar na linha de fuga e para se espalhar no campo de imanência?” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 157). Ou, em outras palavras, resgatando uma discussão spinozista acerca da potência¹², *o que pode um agenciamento?* Tal questionamento não comporta uma única e absoluta resposta, pois, antes, exige uma invenção ou a construção de um campo de imanência específico¹³.

O agenciamento-Kafka, por conseguinte, é importante na medida em que possibilita à Deleuze-Guattari transpassar o universo da crítica, abrindo caminho para as experimentações que atingirão seu ápice em *Mil Platôs*. Isso não significa que todo qualquer agenciamento é benéfico, tampouco que qualquer conexão é bem-vinda. De nada adianta replicarmos ou imitarmos esse agenciamento-Kafka produzido por Deleuze e Guattari, pois, desse modo, cairíamos novamente na cilada crítica. Antes, devemos experimentar esses conceitos, desmontá-los a fim de produzir o nosso próprio agenciamento, inventar o nosso problema. Desestratificar, ou desterritorializar, Deleuze e Guattari para estratificá-los, ou territorializados, em um outro lugar, como estrangeiros. Disso, talvez, resulte potência. Mas, para experimentações dessa ordem, Deleuze e Guattari recomendam prudência.

Todos os empreendimentos de estratificação (por exemplo, extravasar o organismo, lançar-se num devir) devem primeiro observar regras concretas de uma prudência extrema: qualquer desestratificação demasiadamente

¹² A ideia de potência, demarcada na construção *o que pode...*, remete à clássica pergunta lançada por Spinoza em sua *Ética*, qual seja: *não sabemos ainda o que pode um corpo* (SPINOZA, 2012). Não obstante tal construção figurar nos dias de hoje como um lugar comum da filosofia, a discussão spinozana no interior do pensamento de Gilles Deleuze. Conceitos como *afecto* e *agenciamento*, para citarmos apenas dois importantes para esse trabalho, estão diretamente atrelados à uma tal noção, como podemos depreender em um curto excerto da obra *Mil Platôs*: “como se a potência e a cultura do afecto fossem o verdadeiro objetivo do agenciamento” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 80).

¹³ Em sua discussão com Claire Parnet, Deleuze argumenta: “Se não nos deixam fabricar as nossas questões, mesmo que seja pertinente, com elementos vindos de toda parte, não importa de onde, se apenas nos são “colocadas”, não temos grande coisa a dizer. A arte de construir um problema é muito importante: inventa-se um problema, uma posição do problema, antes de se encontrar uma solução” (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 11). Construir um plano de imanência significa inventar uma questão ou um problema, quando ocorre o deslocamento do dispositivo conceitual deleuze-guattariano para algumas discussões postas no campo das ciências humanas, tende-se a ignorar esse aviso deleuzeano. Esse deslocamento traz consigo o problema próprio à Deleuze-Guattari e não permite abrir nosso campo de pensamento às potências virtuais que o habitam.

brutal corre o risco de ser suicida, ou cancerosa, isto é, ora se abre para o caos, o vazio e a destruição, ora torna a fechar sobre nós os estratos, que se endurecem ainda mais e perdem até seus graus de diversidade, de diferenciação e de mobilidade. (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 218).

Todavia, qual prudência?

Da prudência em *Capitalismo & Esquizofrenia*

O conceito de prudência é de extrema importância para a filosofia, possuindo seu lastro nas obras de Platão e, sobretudo, Aristóteles. Para esses autores prudência, ou *phronesis*, diz respeito aos cuidados a serem tomados tendo em vista o que faz bem ao vivente. Enquanto para Platão, essa noção estaria ligada ao conhecimento do verdadeiro, tal exposto no diálogo *Cármides*, e não é passível de ser demonstrada, apenas mostrada por alguém que conhece a essência da prudência, tomada como sinônimo de verdade. Seria, portanto, uma espécie de saber do saber. Aristóteles, por sua vez, a concebe como uma virtude, distinta tanto do saber, *sophia*, quanto da técnica, *téchne*. A prudência seria, por conseguinte, uma disposição prática diante de uma contingência. Conforme notam alguns autores (ORLANDI, 2010; SILVA, 2012), Deleuze e Guattari aproximam-se dessa noção aristotélica, embora seja difícil reconhecer esse flerte em suas obras. Essa dificuldade de reconhecimento, ou a simples possibilidade de enxergar Deleuze-Guattari como uma espécie de neoaristotélicos, poderia ser a causa responsável pelo apagamento da noção de prudência para muitos leitores da dupla francesa, ansiosos por empreenderem experimentações radicais de pensamento.

Ocorre a alguns usuários de frases deleuzianas tratar com certo desdém a palavra prudência, como se temessem que esse conceito, como virtude, pudesse contaminar o pensamento deleuziano ou condenar sua ética a estabilizar-se no culto de um medíocre meio termo, culto que nem mesmo parece ser o de Aristóteles. (ORLANDI, 2010, p. 6).

A prudência deleuze-guattariana, argumentam aqueles leitores mais judiciosos, parece antes provir do pensamento de Baruch de Spinoza. O filósofo holandês, cujo brasão ostenta o termo *Caute* (cautela, em latim), compreende a prudência como um manejo próprio ao vivente para lidar com a sua potência de afetar e ser afetado, bem como com a potência de agir que decorre desse jogo da afecção. Trata-se, portanto, de uma atitude estratégica. No que essa concepção spinozista difere daquela aristotélica?

Disposição prática, como o quer Aristóteles, implica um exercício de pensamento capaz de nos colocar em uma certa condição propícia à dosagem da prudência necessária para o bom viver. A atitude estratégica spinozana, por sua vez, denota uma entrega ao jogo da afecção dos corpos – tomados tanto em seu caráter extensivo quanto intensivo, uma vez que Spinoza não distingue corpo de pensamento –, na qual a dosagem não é dada à priori, mas na imanência dos encontros. Obviamente que, sondando a fundo a concepção aristotélica, observamos que essa prática implica uma empiria radical, inconciliável com qualquer apriorismo. Portanto, aqueles que recusam enxergar um veio aristotélico no pensamento de-

leuze-guattariano, equivocam-se. Não obstante o fato destes autores buscarem operar com noções derivadas do universo spinozista, não há qualquer impedimento de enxergar lastros aristotélicos em seu dispositivo conceitual. Entretanto, essas demarcações conceituais demonstram pouca ou nenhuma utilidade quando o assunto é o pensamento de Deleuze e Guattari, uma vez que, para esses autores, a remissão à tradição filosófica não visa o estabelecimento de uma filiação conceitual, mas uma aliança contra natureza. Assim, resgatar essa tradição apenas auxiliar-nos-ia a compreender como a mesma foi transgredida em prol de alguma outra coisa, uma monstruosidade. Reconhecido por conceber a filosofia como uma *espécie de enxada*, Deleuze chegou a afirmar:

Eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu, e no entanto seria monstruoso. Que fosse seu era muito importante, porque o autor precisava efetivamente ter dito tudo aquilo que eu lhe fazia dizer. Mas que o filho fosse monstruoso também representava uma necessidade, porque era preciso passar por toda espécie de descentramentos, deslizos, quebras, emissões secretas que me deram muito prazer. (DELEUZE, 1992, p. 14).

Assim, antes de buscar a filiação conceitual, seria mais interessante buscar a leitura própria empreendidas pelos autores de *Capitalismo & Esquizofrenia* de um determinado conceito, compreendendo como o mesmo possibilita uma nova maneira de pensar e agir. Essas monstruosidades conceituais cunhadas por Deleuze, em parceria ou não com Guattari, são importantes para o projeto filosófico levado à cabo pelo autor, mas não se aplicam ao conceito de prudência. Infelizmente, esse conceito é citado poucas vezes por Deleuze-Guattari e, na maioria das vezes, não demanda desenvolvimento argumentativo por parte dos autores. Por esse motivo, há uma grande confusão sobre a origem desse conceito. Para muitos autores a noção deleuze-guattariana de prudência assemelha-se mais com a de Aristóteles (ORLANDI, 2010), outros argumentam que com a de Spinoza (SILVA, 2012) e alguns, ainda, compreendem-na como uma via intermediária entre ambas as posições (BARBOSA, 2014). Não buscaremos sanar essa discussão, apenas saturá-la com mais uma hipótese, qual seja: a prudência de Deleuze e Guattari remeteria à uma certa concepção desse conceito elaborado por Friedrich Nietzsche e, essa *démarche*, possui implicações importantes para o projeto de *Capitalismo & Esquizofrenia*.

Em primeiro lugar, como a prudência nos é apresentada em *Mil Platôs*? Abaixo seguem algumas marcações:

De modo que o plano de organização não para de trabalhar sobre o plano de consistência, tentando sempre tapar as linhas de fuga, parar ou interromper os movimentos de desterritorialização, lastrá-los, reestruturá-los, reconstituir formas e sujeitos em profundidade. Inversamente, o plano de consistência não para de se extrair do plano de organização, de levar partículas a fugirem para fora dos estratos, de embaralhar as formas a golpe de velocidade ou lentidão, de quebrar as funções à força de agenciamentos, de microagenciamentos. *Mas, ainda aqui, quanta prudência é necessária para que o plano de consistência não se torne um puro plano de abolição, ou de morte.* Para que a involução não se transforme em regressão ao indiferenciado. Não será preciso guardar um mínimo de estratos, um mínimo de formas e de funções, um mínimo de sujeitos para

dele extrair materiais, afectos agenciamentos? (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p.60. Grifos nossos).

Mas por que este desfile lúgubre de corpos costurados, vitrificados, catatonizados, aspirados, posto que o CsO é também plano de alegria, de êxtase, de dança? Então, por que estes exemplos? Por que é necessário passar por eles? Corpos esvaziados em lugar de plenos. Que aconteceu? *Você agiu com a prudência necessária? Não digo sabedoria, mas prudência como dose, como regra imanente à experimentação*: injeções de prudência. Muitos são derrotados nesta batalha. (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 11. Grifos nossos).

O programa, o slogan da esquizo-análise vem a ser este: procurem seus buracos negros e seus muros brancos, conheçam-nos, conheçam seus rostos, de outro modo vocês não os desfarão, de outro modo não traçarão suas linhas de fuga. [...] *É por isso que devemos, mais uma vez, multiplicar as prudências práticas*. (Deleuze; Guattari, 2007, p. 58. Grifos nossos).

Afinal, qual prudência? Não obstante apresentada como regra imanente à experimentação, lembrando-nos da posição spinozista, ela deve ser primeira e extrema, remetendo-nos à Aristóteles. Uma única certeza advém-nos, apresenta no primeiro dos excertos supracitados, a saber: a prudência seria necessária para evitarmos o plano de morte. Aqui ouvem-se os ecos nietzschianos. Em sua busca pela reversão do platonismo, tarefa continuada por Deleuze e Guattari, o filósofo alemão crítica Platão por, em sua *República*, alçar a razão ao papel de tirano (NIETZSCHE, 2006). O problema não é haver ou não uma ideia reguladora, uma metafísica, mas esta ser a única e absoluta diretriz para o nosso viver. Sócrates, o moribundo, legou os sentidos a um plano inferior, encerrando uma era entre os gregos denominada por Nietzsche (2008) de era trágica.

Essa dita era trágica foi a responsável pela criação de uma filosofia da justa medida, na qual a razão não se sobrepunha aos sentidos ou qualquer outra faculdade. Tratou-se de um período, argumenta Nietzsche, no qual a vida se impunha em sua máxima potência. Conforme as contingências surgiam, a vida tendia ora para a razão ou ora para os sentidos, não havia qualquer tirania de uma faculdade sobre a outra, mas unicamente um vitalismo. A vida mandava. Desde Platão, essa busca por uma justa medida cessou. Os cristãos, posteriormente os idealistas ou mesmo os marxistas, jamais deixaram de privilegiar uma faculdade em detrimento da outra e a vida, compreendida como experimentação radical de sua própria potência, restou refém de um único tirano¹⁴.

Como essa interpretação nietzschiana ressoa em *Capitalismo & Esquizofrenia*, mormente em *Mil Platôs*? Na justa medida buscada por Deleuze e Guattari. Nem a linha de fuga, tampouco a estratificação brutal, antes a experimentação. Atingir os agenciamentos, sem deixar-se levar por toda e qualquer linha de fuga. Saber dosar a experimentação em ato, com prudência, a fim de permitir a liberação daquela potência vital vislumbrada por Nietzsche em sua era trágica. Essa parece-nos ser uma boa hipótese a ser desenvolvida alhures.

¹⁴ Sobre uma breve introdução à discussão da prudência em Nietzsche ver (MOURA, 2014).

Breves considerações finais

Qual o nosso interesse em resgatar essa discussão? Lembrar os pesquisadores em ciências humanas e aos muitos comentadores da obra de Deleuze e Guattari dessa prudência deleuze-guattariana, somente. A radicalidade desse pensamento parece demandar muitas experimentações, e de fato assim o é, mas isso não significa que devemos abandonar tudo, vestir um sobretudo roto e deixar nossas unhas crescerem enquanto caminhamos pelas praias cariocas. Tampouco, devemos nos contentar em vislumbrar devires, rizomas e linhas de fuga aqui e acolá, pois seria o mesmo que apontar ideologias, luta de classes e dialética por aí. Parece-nos que, trabalhar com o pensamento dos autores de *Mil Platôs*, exige não um mimetismo – seja de qual ordem for, conceitual ou não –, mas uma certa prudência, a questão é saber: qual? Em certa altura de um determinado platô, os autores afirmam que é preciso *observar regras concretas de uma prudência extrema*, lançar-se em um devir assim o exigiria dizem os autores. Essas regras concretas devem ser, a nosso ver, construídas em consonância com nosso objeto de pesquisa, em um regime de imanência, permitindo-nos, assim, construir um real problema. Desmontar o dispositivo conceitual deleuze-guattariano, agenciá-lo com outras maquinarias e disso extrair a potência capaz de conduzir-nos a um outro modo de pensar e agir. Talvez, e encerramos com essa hipótese sumária, antes de operar com esse conceitual, necessitamos inventar um procedimento de trabalho, mas, sabemos por conta de Deleuze (2006), toda invenção exige aprendizagem e, sobretudo, experimentação. Mais do que compreender – ou replicar –, portanto, experimentar Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Referências bibliográficas

- ALLIEZ, Eric. "Deleuze no Brasil". *Cadernos de Subjetividade*. Edição especial Deleuze. São Paulo. 1996.
- BARBOSA, Mariana de Toledo. *A Ética em Gilles Deleuze: um corpo que avalia e experimenta*. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.
- CUSSET, François. *Filosofia Francesa: a influência de Foucault, Derrida, Deleuze & Cia*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- _____. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Graal, 2006.
- _____. *Spinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- _____; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- _____; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. vol.1. São Paulo: Editora 34, 2000.
- _____. *Mil Platôs*. vol.3. São Paulo: Editora 34, 2007.
- _____. _____. vol.4. São Paulo: Editora 34, 2008.
- _____. *O Anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2010.

- _____.; PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.
- DOSSE, François. *Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografias Cruzadas*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- ESCOBAR, Carlos. "Introdução". In: ESCOBAR, Carlos (org.) *Dossier Deleuze*. Rio de Janeiro: holon Editorial, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2005.
- _____. "Uma introdução à vida não-fascista". In: _____. *Ditos & Escritos VI: repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. "Entrevista". In: _____. *Ditos & Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- GUALANDI, Alberto. *Deleuze*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- LOTRINGER, Sylvere; COHEN, Sande (org.). *French Theory in America*. New York: Routledge, 2001.
- MALUFE, Annita Costa. "Aquém ou além das metáforas: a escrita poética na filosofia de Deleuze". *Revista de Letras*, UNESP, v. 52, 2014. p.11-27.
- MOURA, Carlos Alberto de. *Nietzsche: civilização e cultura*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.
- MOUTINHO, Nogueira. Mãe: de Sófocles à Freud. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 maio de 1976. p. 17.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- _____. *A Filosofia na Era Trágica dos Gregos*. São Paulo: Hedra, 2008.
- ORLANDI, Luiz Benedito. "A filosofia de Deleuze". In: PECORARO, Rosana (org.). *Clássicos da Filosofia*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/Ed. Puc-Rio. 2009. p. 256-279.
- ORLANDI, Luiz Benedito. "A respeito de confiança e desconfiança". In: FRANCO, Túlio Batista e RAMOS, Valéria do Carmo. (Org.). *Semiótica afecção & cuidado em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2010, v. 1, p. 17-34.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. "Pós-estruturalismo e desconstrução nas Américas". In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. (org.). *Do Positivismo à Desconstrução: Idéias francesas na América*. São Paulo: EDUSP, 2004. p. 217-237.
- SILVA, Cíntia Vieira da. "Combater e compor: dilemas do agir em uma leitura deleuziana de Espinosa". *Princípios: Revista de Filosofia*. Natal, v.19, n.32. jul-dez. 2012, p. 457-481.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- VINCI, Christian F.R.G. "A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano". *Filosofia e Educação*. Campinas, v.7, n.2, junho-set. 2015.p. 195-219.
- _____. *Deleuze-guattarinianas: experimentações educacionais com o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1990-2013)*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães; RIBEIRO, Cintya Regina.
"Implicações midiáticas e acadêmicas nos modos de apropriação do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari para o debate em educação no Brasil". *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 17, n. 1, p.125-141, jan./abr. 2015.
Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/6774>>.
Acesso em: 29 abr. 2015.

Recebido em: 23 de abril 2016

Aprovado em: 6 de junho de 2016